

AVALIAÇÃO DA PERCEPÇÃO COM OS IDOSOS DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE – UMA/UFT E A TECNOLOGIA SOCIAL ECOPONTO NA ESCOLA NA ETI- VINICIUS DE MORAES EM PALMAS - TO

Francijanes Alves de Sousa Sá¹
Jocyléia Santana dos Santos²
Fernando Afonso Nunes Filho³
Ana Karolline Soares Alves⁴
Neila Barbosa Osório⁵

RESUMO

O reflexo do envelhecer e da intergeracionalidade na sociedade é um processo natural. O presente projeto foi baseado na tecnologia social, Ecoponto na escola, e realizado na unidade escolar, ETI Vinicius de Moraes, onde se deu a possibilidade de entrevistar os idosos, acadêmicos parceiros e as crianças mediante a suas atuações. A metodologia usada se fundamentou na história oral temática, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 3 idosos que participaram de forma assídua nas ações da escola. O alicerce teórico motivado foram autores como (SLOVIC, 1987); (NUNES FILHO, OSÓRIO e MACÊDO, 2016); (FREITAS, SANTOS & BARRETO, 2009), referências ao meio ambiente e o ecoponto, com abordagem da história oral” (GUIMARÃES NETO, 2006, p.46). Quanto às contribuições legais, foram estudadas as garantias da Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Cidade (Lei 10.257/01) e o Estatuto do Idoso (lei 10.741/03). A pesquisa foi realizada de janeiro a fevereiro de 2023. Utilizou-se a História Oral com os autores Guimarães Neto. Os idosos puderam destacar suas emoções ao relatar a sua participação.

Palavras-chave: Ecoponto. Intergeracionalidade. História Oral.

INTRODUÇÃO

Os seres humanos têm a competência adicional que os permite alterar o meio ambiente em que vivem, assim como reagir dentro deles. Essa aptidão cria e reduz riscos (SLOVIC, 1987). O sujeito, como parte responsável, pode contribuir levando a mensagem da importância e do cuidado que devemos ter com o meio ambiente.

Assim sendo, a formação da nova geração em ser, seres conscientes e reflexivos do seu papel com o mundo, é papel da família, incluídos os avós, comunidade escolar e as Universidades juntos na escola, o melhor lugar para que essa transformação aconteça.

¹ Mestranda Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Tocantins (PPGE/UFT., francijanes2015@gmail.com

² Pós- doutora pela Universidade Estadual da Amazônia (UEPA), jocyleia@uft.edu.br;

³ Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Tocantins - UFT, fernandoanf@uft.edu.br;

⁴ Graduanda em Pedagogia, Centro Universitário FIEO - UNIFIEO, cstgestaoambiental2015@gmail;

⁵ Professor orientador: Doutora em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria - MS, neilaosorio@uft.edu.br

O Ecoponto na escola é uma tecnologia social que desde 2014 atua em escolas tocantinenses, na sensibilização da comunidade local para agir diante dos problemas relacionados ao meio ambiente com mudanças no estilo de vida (Nunes Filho, Osório E Macêdo, 2016). Integra crianças e os mais idosos na oportunidade de desenvolver de forma natural suas práticas como agentes do meio em que vivem.

O projeto Ecoponto visa transformar a visão das gerações por meio de proposta que coloque as crianças e os idosos em contato com as ações educacionais, que abordam a Educação Ambiental como ferramenta transformadora no ambiente escolar, as propostas são ministradas pelos acadêmicos da Universidade da Maturidade (UMA), que compartilham com sabedoria suas vivências com as crianças envolvidas no projeto. Segundo Valdo Barcelos, "diferentes pesquisas têm demonstrado que a educação ambiental brasileira é uma das mais criativas e diversificadas do mundo." (BARCELOS, 2003, p.89).

O grupo entrevistado tem como gênero predominante feminino, como método usamos as entrevistas semiestruturadas, usado como ponto chave para que os idosos pudessem narrar suas histórias de acordo com sua percepção, sentimentos e visão. As entrevistas foram feitas por meio do WhatsApp e um encontro presencial, os trechos foram transcritos pelo aplicativo de transcrição instantânea deixando-os mais à vontade e sem muitas interrupções.

Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada está focada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode surgir de forma mais aberta e as respostas não dependem de uma unificação de escolhas.

A entrevista teve como base, investigar como os idosos se sentiram durante a participação e integração do projeto, que iniciou no ano de 2022, ações da Tecnologia Social Ecoponto na Escola aplicadas na Escola de Tempo Integral Vinícius de Moraes localizada na cidade de Palmas-TO, nas turmas de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental.

As atividades ocorreram de abril a novembro de 2022 e participaram, além das crianças, os voluntários mais idosos, alunos da Universidade da Maturidade – UMA/UFT e graduandos da UniCatólica, que se dedicavam em aprender um pouco mais numa atividade voluntária.

A afetividade como mola de aproximação a entrevista serviu como um termômetro das atividades executadas. Em meio às informações levantadas na pesquisa, os idosos já haviam participado de atividades ambientais, porém nunca como protagonistas das ações e mediadores.

Avaliando a importância de dar voz aos idosos deixando narrar as lembranças das suas experiências ao longo da tecnologia social Eco ponto na Escola, na Unidade Escolar ETI-Vinícius de Moraes, a qualidade primordial do estudo, foi a partir do uso da metodologia da História Oral, pois a memória tem um caráter social. A chamada história oral é “um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações” (DELGADO, 2006, p.15).

É importante ressaltarmos que tratamos aqui de pessoas mais velhas que possuem dificuldades de expressar seus sentimentos, devido suas limitações e bagagem emocional, contudo o momento foi descontraído e propício para que eles se sentissem à vontade, estabelecendo assim a confiança deles durante a entrevista.

Dando ferramentas necessárias para responder o objetivo da pesquisa que é identificar a percepção deles durante as ações do projeto Eco ponto na Escola desenvolvidas por eles. A história oral, por meio de entrevistas, baseia-se nas memórias individuais e é principalmente nesse aspecto que os pesquisadores se valem para diferenciá-la das diversas estratégias de pesquisa social que utilizam fontes orais.

Como técnica produtora de fontes, a história oral carrega alguns problemas relacionados à coleta de depoimentos que podem torná-los discutíveis. Considere-se que “a crítica aos relatos orais deve constituir-se em instrumento de investigação das suas próprias condições de produção – o lugar social em que a pesquisa está circunscrita, como se procede com as demais fontes” (GUIMARÃES NETO, 2006, p.46).

Dessa forma as narrativas tiveram um caminho que frisou a importância dos idosos nas escolas, levando sua mensagem como pessoas mais velhas, experiente relatos que sempre resgata a memória deles de quando viviam na roça, lembrando de momentos de sofrimento e de alegria, que as famílias tinham como única forma de sobrevivência, por terem poucas condições o plantar e colher seu próprio alimento.

REFERENCIAL TEÓRICO

Podemos afirmar que os idosos são protagonistas de sua própria percepção, tornando-se, ser de aproximação e sabedoria com o Meio ambiente, certo de suas vivências e caminhos que a nova geração pode seguir.

A educação ambiental tem por objetivos a promoção da qualidade de vida e a transformação social, estando ela comprometida em atender a conservação do meio ambiente e suas complexas relações, proporcionando a dialogicidade entre os indivíduos e instituições

sem discriminações. Sendo este diálogo indiscutivelmente fator emergente também na velhice devido ao crescimento demográfico da população idosa na atualidade e seus impactos ambientais.

Assim referem-se Camarano e Kanso (2010, p. 95) dessa forma a Educação Ambiental, precisa se fazer presente no ambiente Escolar juntos aos idosos para que as gerações tenham entusiasmo de compreender que todo conhecimento e ensinamento é passado de geração a geração.

A Educação Ambiental deveria ser o resultado de uma reorientação e articulação de diversas disciplinas e experiências educativas, que facilitam a visão integrada do ambiente (FREITAS, SANTOS & BARRETO, 2009). Contudo a Educação Ambiental em algumas Escolas é disciplina diversificada e obrigatória, porém a realidade é diferente de como manda o currículo, o que de fato, as crianças não são estimuladas a desenvolver suas habilidades, e cuidado com a natureza em sua grande maioria.

É importante compreender que constitucionalmente o Meio Ambiente é direito de todos e que o ser humano depende da mesma para sua sobrevivência, dessa forma para Ross (1996, p. 213): “O acréscimo do conhecimento técnico-científico dos séculos XVIII, XIX e XX possibilitado pelo capitalismo colocou definitivamente os interesses das sociedades humanas de um lado e a preservação da natureza de outro.”

Diante da concepção e percepção das pessoas mais velhas, vale relatar o fato que aconteceu nos anos de 1960, no auge da Guerra Fria, o medo era constante devido aos testes atômicos, a partir de então os movimentos ambientalistas começaram a surgir.

De acordo com Diegues, não existe um único paradigma de sociedade do bem-estar a ser atingida por meio do desenvolvimento e do progresso linear, mas vários tipos de sociedades sustentáveis, “ancoradas em modos particulares, históricos e culturais de relações com os vários ecossistemas existentes na biosfera e dos seres humanos entre si”.

A Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Cidade (Lei 10.257/01) e o Estatuto do Idoso (lei 10.741/03) são instrumentos que possibilitam implementar um espaço urbano que contemple a promoção do envelhecimento ativo e saudável, objetivando a qualidade de vida, que é multifatorial, e envolve as relações sociais, meio ambiente, saúde (biopsicossocial), nível de independência, entre outros, almejando a sustentabilidade.

Relembramos a Constituição Federal que em seu art. 225, a sustentabilidade é expressada, pois determina que “todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao

Poder Público e à coletividade têm o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. (Constituição, 1988)

Neste sentido, foi proposto o conceito de desenvolvimento sustentável, que propunha uma descentralização nas tomadas de decisão e a solidariedade para as gerações futuras, sendo definido na Comissão Brundtland, como um novo caminho de progresso social e econômico que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras também atenderem às suas (Pelicioni, 1988).

METODOLOGIA

Para fins de proteção e ética em pesquisa, suprimos os nomes dos participantes e usamos pseudônimos. Escolhemos assim espécies do cerrado. Seus nomes foram substituídos por: Senhora Arara Canindé, Senhor Lobo Guará, Senhora Capim Dourado.

Começamos citando que os momentos eram repletos de alegria, felicidade, expectativas, musicalidade e dinâmicas feitas pelos idosos que preparam juntos aos professores, estagiários da Unicatólica cada ação a ser feita durante a semana, trazendo uma forma afetiva de aproximação entre as gerações ali presente, resgatando a importância do primeiro contato com a chegada dos idosos na sala de aula.

Para iniciar esse percurso primeiro gostaríamos que, você leitor, imaginasse quais vivências e influências as pessoas mais velhas tiveram ou têm influenciado em sua vida? Na nossa jornada trilhamos um percurso de muita empatia e respeito pelos envolvidos nessa caminhada, e como reflexão deixo a seguinte frase: Escutem os IDOSOS com muita atenção e carinho, pois eles são fontes de histórias que devem ser ouvidas pelos quatro cantos desse mundo.

Toda essa trajetória só foi possível pela parceria da UMA (Universidade da Maturidade) em parceria com a Escola Municipal Vinicius de Moraes em promoverem o projeto Eco ponto na Escola, trazendo o conhecimento pautado na intergeracionalidade, preservação da natureza e manutenção da convivência entre gerações. Preparem os corações e vamos nos contagiar com os registros e momentos de como iniciou essa tecnologia social.

No primeiro momento percebemos que os envolvidos, pesquisadores, professores e estagiários não seriam os protagonistas, e quem deveria brilhar eram os idosos, diante disso montamos as ações e apresentamos para os idosos, nas reuniões que aconteciam na própria Universidade da Maturidade - UMA.

A cada encontro percebemos a conexão e entrega gradativa dos idosos o que deixava em êxtase os pesquisadores e voluntários envolvidos, em ver a participação dos idosos cada

vez mais íntima das atividades propostas, dando suas opiniões acrescentadas a cada ação e dando ênfase em suas vivências, servindo como ponto forte para fortalecer a aproximação com as crianças que ouviam os mais idosos com atenção e brilho nos olhos.

Algo que marcou muito foi a primeira vez que os idosos foram à escola o contato com as crianças, a insegurança de como seria e como as crianças, as dúvidas se os idosos iriam se integrar no projeto. Para nossa surpresa não só os idosos mas todos que faziam parte doaram-se para progredirem a execução de cada ação de forma afetuosa e com instrumentos eficazes que era principalmente nutrir a relação dos idosos com as crianças.

O marco desses encontros, sempre foi a acolhida onde os idosos já chegavam cantando, transportando energia e muita alegria, a música: “Olá! Olá! Como vai vocês”, do autor Marcelo Serralva, tornou-se o hino de cada encontro na unidade escolar, nesse primeiro contato e momento de apresentação cada idoso se apresentava, falava um pouco da sua vida, considerando essa experiência um momento de percepção e relevância dos estímulos e compreensão do envelhecer com alegria.

Dos momentos de acolhida o mais marcante, foi o primeiro contato com os idosos, pois as crianças ao se apresentarem se emocionaram. Uma criança em especial chamou a atenção ao relatar a saudade do avô que já havia falecido, foi um momento em que todos se comoveram e abraçaram essa criança envolvidos em um laço de empatia que emanava entre todos.

Em cada encontro foi natural o envolvimento e o vínculo da relação entre os idosos e as crianças. Às terças feiras tornaram-se um evento esperado e único na unidade escolar, todos já perguntavam que dia os idosos vêm? Como fortalecimento maior criamos dentro da rotina os idosos e acadêmicos da Unicatólica almoçarem com as crianças uma vez que a unidade escolar é de tempo integral.

O ponto forte do projeto foi a palavra superação, narro aqui um pequeno relato da acadêmica da UMA/UFT. A senhora Arara Canindé era tímida, participava, porém quando falávamos que ela tinha que expressar-se em público, ela sempre se escondia atrás de alguém, ela participava, mas falar não era com ela.

Um belo dia a senhora Arara Canindé se viu sozinha e ela não teve para onde correr. Os seus companheiros por escolha do destino, tiveram que se ausentar neste dia em especial, seja por estar doente ou em alguma viagem. Dona Raquel não era de falta, neste dia se viu só, e nesse momento como sempre enfatizamos que os idosos eram os protagonistas e os mediadores. Ela tímida segurou o microfone, voz baixa quase em sussurro, começou a falar com as crianças.

Sua voz foi ganhando força e cada vez mais o seu tom de voz foi se estranhando em uma vivacidade surpreendente, esse dia tínhamos para completar outra situação além da já citada, que para ela já não estava tão fácil, um grupo de jornalista foi filmar as ações que desenvolvemos com as crianças, ela foi de uma coragem de uma força que não imaginávamos.

Ela começou a falar de como era sua infância, de como era plantar na sua época de infância, as crianças olhavam para ela com admiração e nós que conhecíamos a limitação dela começamos a nos emocionar o projeto fez a dona Raquel se integra consigo mesma e fazer ela perceber que ela é capaz de superar os seus limites esse momento revigorou os nossos corações e dona Raquel, tornou-se uma lição para todos que estavam ali presente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aqui iniciamos com a narrativa do senhor Lobo Guará, que conta suas emoções de trás para frente, com estágio emocional e com respiração bem ofegante, uma voz cheia de sotaque e com um tom de voz alto e agitado característico de um bom e velho descendente Italiano.

Ele relata aqui o seu contato com as crianças descrevendo sua alegria: ele começa falando: - Eu tenho um sotaque que é completamente diferente da Região do Tocantins e de outros lugares, daí uma criança levantou e perguntou: - Você é americano? Daí eu falei que eu não sou americano, eu sou descendente de italiano. Nesse momento ele para e demonstra tamanha emoção, “Emocionei muito, fala ele” é como se aquela criança estivesse atingindo o mais íntimo da emoção do senhor Valdivino, conseguindo tirar dele um sorriso e um pouco de alegria que a muito talvez ele não sentisse.

Ao falar da sua trajetória, o mesmo fala com firmeza e agradece por poder ali contar um pouco de sua história que a muito tempo não contava, ou que tão pouco as pessoas procuram saber/ou tem interesse. Assim ele adentra aquele mundo que imagino assim passar um filme na cabeça daquele senhor, que mesmo com aparência forte, olhos verdes como mar de cor branca, muda sua voz de acordo com cada narrativa.

“Eu fui criado no Município de Passo Fundo, fui depois para o Município de Camaro 80 km de Passo Fundo e fui criado na roça, lavrando com bois mesmo depois plantando soja criando frango caipira, com o correr dos anos eu rodei de um lugar para o outro e eu construir um aviário criava 30.000 mil frangos, durante 20 anos assim eu cuidava da roça plantava milho frango sempre preservando a natureza assim cuidando das minas de águas dos riachos". Mostra emoção e orgulho de ter realizado.

Os meus filhos são formados, a filha é Engenheiro de Alimentos e o meu filho fez Sistema de Informação, minha filha veio para Uruaçu no Goiás. Eu fiquei com meu filho em casa até os 28 anos, depois minha filha se casou? De onde ela veio morar em Palmas, o meu filho era solteiro, não tinha namorada. Ele foi convidado para ser padrinho de casamento da irmã junto a outra moça.

Daquele padrinho saiu outro casamento também. Daí eu, meu filho e minha esposa viemos para cá, minha esposa faleceu há 4 anos, eu morava em Taquaruçu. Agora há 4 anos que moro aqui em Palmas é ótimo, gostaria de falar que esse projeto e a UMA salvaram minha vida, pois tive depressão depois que minha esposa morreu. A comoção toma conta de um momento que o silêncio roda, em um suspiro profundo ele continua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluiu-se que o papel dos idosos e das crianças foram capazes de sensibilizar ambos proporcionando de forma cooperativa a oportunidade da intergeracionalidade e da responsabilidade com o meio ambiente. Permitindo momentos dinâmicos de ajuda, apoio, motivação, integração e percepção.

A estratégias usadas foram ações pedagógicas voltada para o meio ambiente, a cooperação e a integração que foram fundamentais, importante observar que a intergeracionalidade foi contemplada na sua totalidade, pois no desenvolvimento do projeto, tinha pessoas mais velhas, crianças, professores, coordenadores e os acadêmicos perpetuando a quase 4 gerações diferentes.

Com as entrevistas e as narrativas dos idosos como última instância, indicam que a perspectiva dos participantes foi positiva deduzindo assim que as atividades que integram diferentes gerações fortalecem a confiança mútua e recíproca.

REFERÊNCIAS

PELICIONI, MCF. Educação Ambiental, Qualidade de Vida e Sustentabilidade. Saúde e Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana. São Paulo: Hucitec, 1999.

PORTELLI, Alessandro. História Oral como Arte da Escuta. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

possibilidades. Textos sobre envelhecimento. Rio de Janeiro, v.4, n.8, 2002. Disponível em http://www.unati.uerj.br/tse/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151759282002000200002&lng=pt&nrm=iso acesso em: 11.set.2007

SANTHIAGO, Ricardo. Solistas dissonantes: história (oral) de cantoras negras. São Paulo: Letra e Voz, 2009.

SILVEIRA, Teresinha Melo da. Convívio de gerações: ampliando

Sociedade. 1998; 7 (2): 19-31.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. 2. ed. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PELUDO, Valdivino [67 anos]. [fev. 2023]. Entrevistador: Francijanes Alves de Sousa Sá. Palmas, TO, 5 jun. 2023.